



Os pronomes átonos e o ensino de português brasileiro a falantes de espanhol¹

Thaís Leal Rodrigues²

Resumo

Este trabalho aborda uma dificuldade específica no ensino de português para hispanofalantes: o emprego dos pronomes oblíquos átonos, o qual é bastante diferente em ambas as línguas.

No português do Brasil, os pronomes átonos vêm sendo substituídos, no uso oral da língua, pelos pronomes retos. Percebe-se ainda o apagamento do objeto direto, talvez para evitar o uso (condenado) dos pronomes retos. Tal fato não ocorre na língua espanhola, a qual, mesmo na sua expressão oral, apresenta todos os objetos diretos preenchidos com os pronomes átonos.

Este trabalho tem, pois, o objetivo de descrever comparativamente as normas referentes aos pronomes átonos nos dois idiomas, bem como analisar a abordagem desse tema em materiais didáticos de Português para Estrangeiros editados no Brasil.

Desse modo, após observar a descrição desse tópico linguístico em gramáticas normativas e gramáticas de uso do português e do espanhol e confrontá-la com a abordagem dos pronomes oblíquos átonos presente em materiais didáticos de Português para Estrangeiros editados no Brasil, concluímos que esse assunto não vem sendo tratado em todos os seus aspectos, mas somente de maneira superficial e, muitas vezes, privilegiando certa variedade do português.

Palavras-chave: ensino de português para estrangeiros, hispanofalantes, pronomes átonos.

Resumen

¹ Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação da prof^a dr^a Norimar Júdice, UFF.

² Graduada em Letras (português/espanhol), pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Língua Portuguesa, UFF. Mestranda em Estudos de Linguagem, UFF. Professora de língua espanhola da rede Faetec. E-mail: professorathaisleal@gmail.com

Este trabajo plantea una dificultad específica en la enseñanza de portugués para hispanohablantes: el empleo de los pronombres complemento, el cual es bastante distinto en ambas lenguas.

En el portugués de Brasil, los pronombres complemento vienen siendo sustituidos, en el uso oral de la lengua, por los pronombres sujeto. Se nota aun el borrado del complemento directo, quizás para evitar el uso (condenado) de los pronombres sujeto. Esto no ocurre en la lengua española, en la que, aun en su expresión oral, presenta todos los complementos directos rellenos con los pronombres complemento.

Este trabajo tiene, por lo tanto, el objetivo de describir comparativamente las normas concernientes a los pronombres complemento en los dos idiomas, así como analizar el abordaje de ese tema en materiales didácticos de Portugués para Extranjeros editados en Brasil, con la finalidad de proponer metodologías de enseñanza que juzgamos relevantes.

De ese modo, tras observar la descripción de ese tópico lingüístico en gramáticas normativas y gramáticas de uso del portugués y del español y confrontarla con el abordaje de los pronombres complemento presente en materiales didácticos de Portugués para Extranjeros editados en Brasil, concluimos que ese asunto no ha sido tratado en todos sus aspectos, sino solamente de manera superficial y, muchas veces, privilegiando determinada variedad del portugués.

Palabras clave: enseñanza de portugués para extranjeros, hispanohablantes, pronombres átonos.

1. Introdução

Tendo em vista que têm a mesma origem latina, português e espanhol são línguas muito próximas. Por isso é fato que ao aprender a língua espanhola um lusofalante vai apresentar interferências de sua língua materna na fase inicial de aprendizagem e, da mesma forma, um hispanofalante também será muito influenciado pelo espanhol, quando aprender português, como afirma Santos (1999, p.49): “Se por um lado essa semelhança facilita o entendimento do português logo aos primeiros contatos, por outro impede, na maioria das vezes, que o falante de espanhol se comunique na língua alvo, o português, sem as constantes interferências da sua língua nativa.”

Vários trabalhos têm sido elaborados para investigar como se dá essa interferência. Apresentamos a seguir um resumo dos pontos apontados como áreas problemáticas na aprendizagem de português por hispanofalantes, por alguns especialistas na área.

Silveira e Fontes (2004) fizeram uma pesquisa, na qual utilizavam as seguintes categorias de erro: acentuação, artigo, concordância nominal de gênero e número, conjugação verbal, conjunção, ortografia, regência nominal e verbal, transferências da L1 no vocabulário, uso dos tempos e modos verbais e vocabulário inapropriado. Esse estudo contou com 14 participantes de nível básico e 22, de nível intermediário. A conclusão sobre as dificuldades apresentadas, na escrita³, pelos participantes pode ser representada da seguinte forma:

Nível básico:

1º lugar: ortografia

2º lugar: transferência

3º lugar: acentuação

Nível intermediário:

1º lugar: acentuação

2º lugar: ortografia

3º lugar: vocabulário

Meyer et.al. (1998) também pesquisaram os problemas mais frequentes no uso do português por parte dos hispanofalantes. Nesse estudo, avaliaram somente textos escritos produzidos por estudantes de pós-graduação e constataram a existência de problemas de três ordens:

1º: emprego de tempos verbais

2: uso dos elementos coesivos

3º: regência verbal

Santos (1999, p.53) apresenta um estudo de Lombello, El-Dash e Baleeiro, que tem como hipótese que “as dificuldades encontradas pelos falantes de espanhol são mais semelhantes às dos falantes nativos de português”. Nessa pesquisa, foram aplicados testes aos falantes de espanhol, com o intuito de compará-los aos falantes de português e de inglês. O resultado demonstrou que os hispanofalantes apresentavam mais erros nas palavras de conteúdo do que nas palavras gramaticais. Devido a isso os autores “sugerem mais atenção na

³ Foram aplicadas provas, “divididas em três seções: (1) leitura e compreensão de textos; (2) uso da língua: aspectos gramaticais (...) e (3) redação.” (p.51)

análise dos aspectos lexicais contrastantes entre as duas línguas, como as divergências semânticas, e dos problemas específicos, como o uso da preposição.”

Ferreira (1995, p.44-45), menciona um estudo de Amaral Freire, para quem a maior dificuldade do falante de espanhol está no sistema vocálico, já que em português temos 12 fonemas vocálicos, sete orais e cinco nasais, ao passo que, em espanhol, há apenas cinco fonemas vocálicos orais e nenhum nasal.

Para a autora (1995, p. 45-46), os falsos cognatos também podem trazer sérios problemas de comunicação. Outra área problemática apontada são as formas verbais. Por exemplo, em espanhol, há duas marcas de imperfeito do subjuntivo: **-se e -ra** (ex: *cantase, cantara*), podendo esta última ser confundida com o mais-que-perfeito do indicativo do português. Outras formas que, segundo ela, devem ser enfatizadas são aquelas do pretérito perfeito composto e do futuro do subjuntivo. A primeira porque, em português, expressa ação que começou no passado e continua no presente e, em espanhol, ação no passado. A segunda porque este tempo “não existe em espanhol, sendo substituído pelo presente do subjuntivo”.

Por último, segundo a autora (p.46), “outros aspectos a serem considerados são as questões a nível sintático/discursivo, como a ordem dos elementos na oração, e os articuladores e elementos de relação como preposições e conjunções”.

Neste estudo queremos focar um aspecto que não foi mencionado por nenhum dos autores anteriores e que consideramos muito relevante. Trata-se do uso dos pronomes átonos.

É fato que, no português do Brasil, os pronomes átonos vêm sendo substituídos, no uso oral da língua, pelos pronomes retos. Percebe-se ainda o apagamento do objeto direto, talvez para evitar o uso (condenado) dos pronomes retos. Tal fato não ocorre na língua espanhola, a qual, mesmo na sua expressão oral, apresenta todos os objetos diretos preenchidos com os pronomes átonos.

Pareceu-nos, então, importante enfatizar esse aspecto que, com certeza, pode ser um entrave na aprendizagem do português por parte de hispanofalantes, se não for ensinado da maneira adequada. Concordamos com Santos (1999, p.53) quando afirma que: “o ensino de português para falantes de espanhol deve ser diferente daquele voltado para falantes de outros idiomas.”

Desse modo, neste estudo, tivemos o intuito de verificar como o tema de nossa pesquisa vem sendo abordado em alguns livros didáticos utilizados no ensino de PLE. Esse tema é tratado levando em consideração a língua falada ou a língua escrita? Privilegia-se alguma variedade do português em detrimento de outra?

2. Revisão bibliográfica: gramáticas do português e do espanhol

A seguir apresentamos um resumo da abordagem do tema dos pronomes átonos em gramáticas tradicionais e gramáticas de uso, tanto da língua portuguesa como da língua espanhola.

2.1 Gramáticas de Língua Portuguesa

2.1.1 Gramática normativa: Celso Cunha e Lindley Cintra

Cunha e Cintra (2001, p.140-143) afirmam que os complementos verbais podem ser representados por substantivo, pronome, numeral, palavra ou expressão substantivada, oração substantiva. Quando se refere ao pronome não especifica o tipo, mas dá como exemplo um pronome átono: “Nunca **o** interrompi” (p.140). Segundo Cunha e Cintra (2001,p.309), o pronome átono pode estar, em relação ao verbo: enclítico (posposto), proclítico (anteposto) e mesoclítico (no meio do verbo). Para os autores, a posição normal do pronome é a ênclise, contudo há “casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocação”. As regras apresentadas pelos gramáticos (p.309-316) para tais casos podem ser resumidas da seguinte forma:

A- Mesóclise

Só é possível com verbos no futuro do presente ou futuro do pretérito.

Calar-me-ei. Calar-me-ia

Neste caso, permite-se também a próclise:

Eu me calarei. Eu me calaria.

B- Próclise

Com um só verbo, a próclise é utilizada nos seguintes casos:

- a) nas orações que contém palavra negativa, quando entre ela e o verbo não há pausa.
- b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos.

- c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo.
- d) nas orações subordinadas desenvolvidas.
- e) com gerúndio regido da preposição “em”.
- f) com verbo antecedido de certos advérbios (bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez etc)
- g) quando a oração na ordem inversa se inicia por objeto direto ou predicativo.
- h) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral “ambos” ou algum dos pronomes indefinidos.
- i) nas orações alternativas.

Quanto ao uso do pronome átono com locuções verbais com verbo principal no infinitivo ou no gerúndio, Cunha e Cintra (2001, p. 314-316) apresentam as seguintes normas:

A- A ênclise

- a) ao verbo principal: sempre é permitida.
- b) ao verbo auxiliar: é permitida quando não se verificam as condições que aconselham a próclise.

B- A próclise

- a) ao verbo auxiliar: é permitida “quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo” (2001, p. 314), apresentadas acima.

Com locuções verbais com verbo principal no particípio, Cunha e Cintra (2001, p. 316) prescrevem que “o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples.”

Nessa gramática, os autores apresentam uma seção que trata especialmente da colocação dos pronomes átonos no Brasil (2001, p. 316). Dois aspectos apontados são importantes de ser mencionados aqui:

- 1) A possibilidade, no português brasileiro, de se iniciarem frases com os pronomes átonos.
- 2) A próclise ao verbo principal (sejam eles infinitivo, particípio ou gerúndio) nas locuções verbais, muito comum em nossa variante da língua portuguesa.

2.1.2 Gramática de usos: Ataliba T. de Castilho

Para Castilho (2010, p.300-304) o objeto direto é proporcional aos pronomes pessoais acusativos *me, te, ele/o*, assim como o objeto indireto é proporcional aos pronomes dativos *me, te, lhe*. Os exemplos citados pelo autor são os seguintes:

Para o objeto direto: *João pôs o livro na estante.* → *João o pôs na estante./ João pôs ele na estante.*

Para o objeto indireto: *O livro pertence ao aluno.* → *O livro lhe pertence.*

Para o autor (2010, p.301), os pronomes átonos vêm sofrendo uma mudança, isto é, estão desaparecendo da gramática do português brasileiro, sendo substituídos pelo pronome reto. Essa transformação no quadro dos pronomes repercute no preenchimento da função: “... a partir de então é a categoria vazia que começará a predominar nesse lugar da sentença [...]. Isso certamente tem a ver com a mudança sofrida pelos clíticos, seu desaparecimento da gramática do PB justificaria a preferência pela categoria vazia.”⁴(p.301).

Castilho (2010) menciona a pesquisa de Tarallo sobre as estratégias de pronominalização no PB, onde comprova uma continuada queda no preenchimento do objeto direto e, também, a pesquisa de Duarte, a qual “encontrou quatro processos de preenchimento do OD.” (CASTILHO, p.301). O pronome átono aparece como o menos usado, no preenchimento do objeto direto, com 4,9% das ocorrências; em seguida, o pronome *ele*, com 15,4% das ocorrências; depois, o sintagma nominal anafórico, ou seja, a repetição do objeto direto, com 17,1% das ocorrências; e o processo mais usado, com 62,6% das ocorrências é a categoria vazia. Para Castilho (p.304) o pronome átono só sobrevive devido à ação da escola, “e por isso ele é mais frequente na língua escrita.”

É importante mencionar também que o autor comenta que, quando ocorrem conjuntamente objeto direto e indireto, “o PB é avesso à pronominalização de ambos os complementos, [...] dadas as restrições em nosso quadro de clíticos.” (p.305). Em espanhol, ao contrário, é bastante comum o uso de pronomes de complemento indireto seguido de pronome de complemento direto, como veremos adiante.

⁴ O autor usa a abreviação PB para português brasileiro.

2.2 Gramáticas de Língua Espanhola

2.2.1 Gramática normativa: Leonardo Gómez Torrego

Segundo Torrego (2007, p.298): “la palabra, grupo sintáctico u oración que desempeñan la función de complemento directo se sustituyen, cuando están determinados, por los pronombres personales átonos *lo, la, los y las.*” Quanto ao objeto indireto afirma que é possível substituí-lo por *le* e *les* (p.302) e, no caso de o objeto direto aparecer pronominalizado, o indireto é substituído por *se*, como no exemplo:

Entregó el piano a mi tía. → Le entregó el piano. → Se lo entregó.

Torrego (2007, p.116) diz que os pronomes átonos costumam vir antes do verbo, exceto com gerúndios, infinitivos e imperativos afirmativos, tanto no discurso formal como no informal. É importante frisar que, “cuando preceden al verbo, se escriben como palabras separadas” e “cuando siguen al verbo constituyen con él una sola palabra compuesta.” (2007, p.116).

Em relação às locuções verbais, segundo o autor, os pronomes átonos podem preceder o verbo auxiliar ou seguir o verbo principal, desde que este seja um infinitivo ou gerúndio. O exemplo dado é o seguinte:

Te lo tengo que decir. / Tengo que decirtelo

2.2.2 Gramática de usos: Francisco Matte Bon

Segundo Matte Bon (1995, p. 257), “cuando un elemento ya ha aparecido en el contexto, para volverlo a usar en función de complemento del mismo o de outro verbo se utilizan las formas átonas”. Para ele os complementos verbais de objeto direto podem ser substituídos por pronomes átonos da seguinte forma:

Pessoa à que corresponde	Pronome
--------------------------	---------

yo	me
tú	te
él, usted (masculino)	lo
ella, usted (feminino)	la
nosotros	nos
vosotros	os
ellos, ustedes (masculino)	los
ellas, ustedes (feminino)	las

Quanto à posição do pronome átono, o autor (1995, p. 255) descreve que “las formas átonas de pronombre complemento van siempre antes del verbo, si se trata de un verbo conjugado” e “cuando el verbo va en infinitivo, en gerúndio o en imperativo afirmativo, los pronombres van inmediatamente después de él, unidos al verbo.”

No caso de locuções verbais com infinitivo ou gerúndio, descreve ainda que, neste caso, os átonos podem vir antepostos ao auxiliar ou posposto ao principal, nunca entre os dois verbos. Quando se trata de locução de infinitivo com verbos do tipo *gustar*, *encantar*, *apetecer etc*, os pronomes ficam somente pospostos ao infinitivo.

Com base nas gramáticas consultadas, constatamos que:

✓ Em português, existe uma grande diferença entre norma e uso. De acordo com a norma culta, o quadro de pronomes átonos é o seguinte:

Pessoa do discurso	Pronome de objeto direto	Pronome de objeto indireto	Pronome reflexivo
1ª pessoa singular	me	me	me
2ª pessoa singular	te	te	te
3ª pessoa singular	o, a	lhe	se
1ª pessoa plural	nos	nos	nos
2ª pessoa plural	vos	vos	vos
3ª pessoa plural	os, as	lhes	se

No entanto, numa situação informal de fala ou escrita, o brasileiro tende a evitar o uso do pronome átono, sobretudo de objeto direto, ou seja, nota-se o apagamento do objeto.

Quando o complemento verbal é preenchido por um pronome, nem sempre usamos aqueles do quadro anterior. Poder-se-ia descrever o uso dos pronomes de complemento verbal da seguinte maneira:

Pessoa do discurso/ pronome pessoal sujeito	Pronome de objeto direto	Pronome de objeto indireto	Pronome reflexivo
1ª pessoa singular: eu	me	me	me
2ª pessoa singular: tu, você	te	te, “para você”*	te, se
3ª pessoa singular: ele, ela	ele, ela	“para ele/ela”*	se
1ª pessoa plural: nós, a gente	nos	nos, “para a gente”*	nos, se
2ª pessoa plural: vocês	vocês	“para vocês”*	se
3ª pessoa plural: eles, elas	eles, elas	“para eles/elas”*	se

*Observação: Embora estas formas sejam pronomes retos, são usadas no lugar dos pronomes oblíquos.

✓ No caso do espanhol, como se pode notar, há coincidência entre a gramática tradicional e a gramática comunicativa no que se refere aos pronomes átonos, do que se deduz que, em espanhol, não há a discrepância entre norma e uso que existe em português.

✓ No espanhol, as regras de colocação pronominal são bem mais simples que em português.

3. Análise de materiais didáticos de ensino de PLE editados no Brasil

Foram analisados os seguintes materiais didáticos, no que tange à abordagem do tema “pronomes átonos”: *Avenida Brasil*, de Emma Eberlein O.F. Lima et. al. (1991); *Sempre Amigos*, de Elizabeth Fontão e Pierre Coudry (2000); *Português para falantes de espanhol*, de

Leonor Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro (1983); e *Português Básico para estrangeiros*, de Sílvio Monteiro (1980).

No livro *Avenida Brasil* (p.55), um material elaborado para os aprendizes estrangeiros de maneira geral, apresenta-se um quadro com exemplos de frases onde figuram os pronomes átonos de objeto direto de 3ª pessoa singular. Um dos exemplos é o seguinte:

Eu conheço Chico muito bem. → Eu o conheço muito bem.

Não se menciona o uso informal dos pronomes, isto é, o apagamento do objeto, nem o uso do pronome reto pelo pronome oblíquo.

Em *Sempre Amigos*, não consta nenhum quadro sistemático dos pronomes átonos, apenas é mencionado, duas vezes, o uso informal do pronome reto “ele” em lugar do oblíquo “o”, numa seção chamada “Oriente-se”, que aparece sempre depois de um diálogo informal, da seguinte forma:

(p. 21, módulo 1) *Oriente-se:*

levar ele: linguagem coloquial

levá-lo: linguagem formal

(p. 07, módulo 2) *Oriente-se:*

Deixar ela- forma coloquial de deixá-la

É importante dizer que, neste livro, há um capítulo reservado ao público hispanofalante, chamado “Para falantes de espanhol” (módulo 6). Nesta seção, são tratados temas como: os chamados “falsos amigos” ou heterossemânticos, as palavras que, embora se pareçam a outras do português, têm significado diferente nas duas línguas; os heterogenéricos, palavras que têm gênero diferente em cada uma das duas línguas; e os heterotônicos, aquelas que possuem sílaba tônica diferente, em português e espanhol. Mas não aparece nenhuma referência aos pronomes átonos.

O material intitulado *Português básico para estrangeiros* apresenta os pronomes átonos em duas lições. Na nona lição (1980, p. 89-98), os pronomes de objeto indireto e, na décima segunda lição (1980, p. 123-129), os pronomes de objeto direto.

Na lição correspondente aos pronomes de objeto indireto expõe uma lista de pronomes: me, lhe, se, nos, lhes. Abaixo esclarece que o pronome TE corresponde ao

pronome sujeito TU, mas não menciona que, em situações informais, também usamos o TE como correspondente de VOCÊ, isto é, numa mesma situação e, dirigindo-nos a uma mesma pessoa, podemos utilizar TE e VOCÊ, por exemplo: *Meu bem, você sabe que eu já te pedi isso mil vezes!* Segundo o autor, o correspondente de VOCÊ seria LHE (1980, p. 89).

Depois, propõe alguns exercícios de repetição oral (1980, p.90) e, mais adiante, exercícios estruturais, de substituição dos objetos indiretos por pronomes átonos. Sobre tais atividades gostaríamos de comentar os exemplos dados, na página 95:

(me) Ela acende o charuto todos os dias.

Ela não me acende o charuto todos os dias.

(nos) Eles não entregaram o pedido.

Eles entregaram-nos o pedido.

Com relação ao primeiro exemplo, o enunciado é o seguinte: “Pôr na forma negativa as sentenças (...) e colocar os respectivos pronomes objetos nos seus lugares certos.” (1980, p. 95). O exemplo deve servir de modelo para que os alunos construam frases. O que se pretende aí é ensinar que, em orações negativas, o pronome vem anteposto ao verbo. Porém, não se constroem frases como essas, em muitas regiões brasileiras. No Rio de Janeiro, por exemplo, diríamos “Ela não acende o charuto para mim”.

Já para o segundo exemplo, o que se pede é colocar as frases na forma afirmativa e, novamente, instrui a por os pronomes em “seus lugares certos” (1980, p. 95). Contudo, não explica em que ocasiões esse uso seria “certo”, o que é muito relevante quando se ensina português do Brasil, tendo em vista as nossas muitas variantes.

Na décima segunda lição, novamente expõe uma lista de pronomes: me, o, a, nos, os, as. A seguir tece alguns comentários, dos quais destaco os itens C e D, onde esclarece que os pronomes objeto direto *o* e *a* correspondem à segunda e à terceira pessoas do singular, ou seja, VOCÊ e ELE, ELA, respectivamente. Depois, mais uma vez, propões exercícios de repetição oral (1980, p. 123) e, para tanto, usa novamente exemplos que não correspondem ao uso real no Brasil. Por exemplo:

Eu amo minha mãe.

Eu amo-a.

Por último, o livro *Português para falantes de espanhol*, primeiro material elaborado para este público especificamente, embora seja já bastante antigo, é o que melhor explica a questão do pronome átono, no português brasileiro. Primeiramente, na página 148, há um quadro com os pronomes pessoais retos e de complemento (objeto direto, objeto indireto, reflexivo e tônicos), das primeira e terceira pessoas, singular e plural. Neste quadro, considera-se somente os pronomes de uso formal, ou seja, aqueles prescritos pela gramática normativa. No entanto, após o quadro, aparecem observações importantes quanto ao uso, tais como:

- 1) *“Em Português usa-se muito menos o pronome objeto do que em Espanhol, particularmente quando o objeto é inanimado. Ex.: Sempre vejo seu amigo e ontem também (o) vi.” (p.148)*
- 2) *“Os pronomes o(s), a(s) são de uso mais formal e geralmente se referem à 3ª pessoa (ele(s), ela(s)). Ex.: Eu o vi ontem à noite. (=ele, e não você)” (p.148)*
- 3) *“Na língua informal pode-se usar te em vez de lhe (=você) Ex.: Como gosto de você, vou lhe contar/vou te contar tudo.” (p.148)*

Neste mesmo material, também há uma seção para o ensino da colocação pronominal. É interessante observar que a explicação começa pela regra: “De acordo com a gramática, a posição normal do pronome é depois do verbo.” (p.157), para então explicar o uso: “Entretanto, é mais comum colocar-se o pronome antes do verbo, desde que não fique depois de uma pausa. [...] Ou seja, não se começa a frase com um pronome átono. Mas na linguagem coloquial, é o que ocorre.” (p.157, grifo nosso). Não obstante, quando trata da mesóclise, só explica a regra e não menciona que ela não é usada na oralidade, e até mesmo em textos escritos, é evitada.

É abordada também, e de maneira bem pertinente, a colocação do pronome átono em locuções verbais. Apenas acrescentaríamos a observação de que, na linguagem coloquial, muitas vezes evitam-se formas como a do exemplo do livro “Ninguém quer ajudá-lo” (p.160), havendo uma preferência por repetir o complemento, por exemplo: ninguém quer ajudar esse homem.

Como vimos, o tema dos pronomes átonos ainda não é abordado em toda a sua complexidade, nos materiais didáticos de português para estrangeiros. Ainda é necessário

detalhar melhor as diferenças entre fala e escrita, que existem no português brasileiro. Também enfatizamos a necessidade da elaboração de um material didático específico para hispanofalantes, que parta da análise contrastiva entre as duas línguas.

5. Considerações finais

Retomamos nossa afirmação inicial de que, devido à semelhança entre português e espanhol, o aluno que aprende uma das duas línguas como língua estrangeira (L2), apresenta muitas dificuldades para sair da fase de interlíngua, conhecida popularmente como “portunhol”. Deste modo, queremos propor um ensino que toma como ponto de partida a análise contrastiva para a identificação dos elementos que podem causar problemas no desempenho linguístico do hispanofalante aprendiz de português, pois acreditamos que este tipo de abordagem “pode ser de grande utilidade na preparação do material didático para este público específico” (Santos, 1999, p.53).

Considerando o ensino de PLE, na perspectiva comunicativa de desenvolvimento de habilidades, espera-se, diante da escassez de materiais didáticos específicos para falantes de espanhol publicados no Brasil, que esse estudo possa colaborar para o planejamento de estratégias de ensino, servindo como material de apoio a professores, bem como contribuindo para a elaboração de materiais didáticos em geral.

Por fim, queremos ainda enfatizar que no ensino de uma língua há sempre de se considerar que nosso discurso deve adequar-se ao contexto de produção textual. Isso implica uma prática docente que se baseia nos diversos gêneros textuais. Portanto, o resultado que se espera é que o aluno que aprende uma língua estrangeira saiba comunicar-se adequadamente, nas diversas situações comunicativas.

Referências

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2010.

CUNHA, Celso e LINDLEY CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Itacira. A interlíngua do falantes de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la? In: Almeida Filho, J.C.P. de (org). *Português para estrangeiros: interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995.

FONTÃO, Elizabeth; COUDRY, Pierre. *Sempre Amigos: fala Brasil para jovens*. (Português para estrangeiros). Campinas: Pontes, 2000.

LIMA, Emma Eberlein O.F. [et.al.] *Avenida Brasil: curso básico de Português para estrangeiros*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1991.

LOMBELLO, Leonor Canteiro; BALEEIRO, Marisa de Andrade. *Português para falantes de espanhol* (edição experimental). Campinas: UNICAMP/FUNCAMP/MEC, 1983.

MATTE BON, Francisco. Gramática Comunicativa del español: de la lengua a la idea Tomo I. Madrid: Edelsa, 1995.

MEYER, Rosa Maria de B.; MEDEIROS, Vanise Gomes de; SILVA, Roberval Teixeira. Português e espanhol: fronteiras sintáticas. In: *Anais de I Congresso da Siple*. Niterói: UFF, 1998.

MONTEIRO, Sílvio. *Português Básico para estrangeiros*. 8 ed. São Paulo: Ibrasa, 1980.

SANTOS, Percília. O ensino de português como segunda língua para falantes de espanhol: teoria e prática. In: SANTOS, Percília; CUNHA, M.J. *Ensino e pesquisa em Português para estrangeiros*. Brasília: EDUNB, 1999.

SILVEIRA, Rosane; FONTES, Susana Maria. Dificuldades de hispano-falantes na produção de textos em português. In: CONSOLO, D. A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.) *Pesquisas em lingüística aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: UNESP, 2004.

TORREGO, Leonardo Gómez. Gramática Didáctica del español. 9. ed. Madrid: Ediciones SM, 2007.